

## **Produção e consumo de notícia: O Twitter enquanto ferramenta jornalística<sup>1</sup>**

Diego Casaes<sup>2</sup>  
Raphael Garcia<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC)

### **Resumo**

O Twitter surge em meio a esta revolução informacional – em que uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) e a tendência à convergência da narrativa jornalística, com ênfase na produção de conteúdo - tendo por base e a troca de informação, links e notícias restritas a 140 caracteres. Dessa forma, entende-se que o Twitter pode ser utilizado como ferramenta que potencializa os fluxos de notícias e quebra o paradigma dos monopólios da informação. Como estudo de caso, analisa-se as manifestações pró-Moussavi após as eleições presidenciais do Irã, em junho de 2009, quando parte dos cidadãos consideraram fraudulento o processo eleitoral que reelegeu Mahmoud Ahmadinejad.

### **Palavras-chave**

Twitter; Redes Sociais; Jornalismo Cidadão; Ciberativismo; Computadores Coletivos Móveis.

## **1. A ruptura do paradigma da notícia**

O paradigma jornalístico atual está de acordo com a concepção de paradigma defendida por Kuhn no que tange a reprodução de concepções de mundo consoante aos interesses da apropriação simbólica do capital e ideologias vigentes, e conduz interpretações suscetíveis a flexibilidades dentro de um sistema fechado, que possui regras claras. No entanto, os paradigmas são reféns de si, pois ao produzir conhecimento e permitir interpretações sobre si e sobre seu ambiente, esgotam as possibilidades de aproveitamento de um modelo antigo suscitando mudanças.

[...] há um momento em que o paradigma vigente falha, em que as questões não podem ser respondidas, não por causa do processo ou do pesquisador, mas pelo esgotamento do próprio paradigma. Surgem as anomalias que geram o caos e o desentendimento entre os que fazem ciência. A crítica emerge, como resultado da crise e como prenúncio de uma mudança radical, de uma revolução científica. Novas propostas, novos princípios, novas teorias a maior parte vinda dos cientistas adeptos

---

<sup>1</sup> Indicar a qual eixo temático o artigo está sendo submetido. Exemplo: Artigo científico apresentado ao eixo temático “Entretenimento, práticas socioculturais e subjetividade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Bacharel em Turismo - Faculdade São Salvador, Salvador-BA e autor voluntário no Global Voices Online.

<sup>3</sup> Graduando em Relações Internacionais - Faculdade de Ciências Sociais/PUCSP, ex-bolsista PIBIC/CEPE de Iniciação Científica/Departamento de Geografia da PUCSP e autor do Blog do Tsavkko

do paradigma anterior, vão suscitar um novo paradigma (KUHN in MADUREIRA, 2004, 54).

O rompimento de paradigmas na sociedade atual passa a ser um ato mais constante. As práticas de vivência social paulatinamente obtêm um novo significado, resultado de interações diversas entre o habitual e a tecnologia, entre a preservação do antigo e o incentivo a adoção do novo no cotidiano das pessoas. Dentre os eventos dessa quebra de paradigma, evidencia-se o surgimento de uma “cibercultura”, que utiliza o espaço cibernético e se mescla à vida pós-moderna ao reconfigurar nossa noção sobre o consumo da informação.

Observa-se ainda que a contemporaneidade pulveriza paradigmas e garante a re-significação dos valores e práticas sociais, bem como fornece ferramentas para modificar as relações de poder na sociedade. A tecnicização do cotidiano permite ao indivíduo se apropriar do capital, ou ao menos infligir contra sua totalidade, dando margem à ruptura das ideologias de dominação com maior profundidade.

A carga simbólica que embasava os aspectos culturais e práticas sociais tradicionais padecem então diante da efemeridade do cotidiano (HARVEY, 2003). A apropriação do capital é ameaçada e o poder simbólico se desestrutura diante da inversão dos fluxos de produção e consumo de informação e notícias. O monopólio se desintegra quando as potencialidades de modificação e apropriação sobre os fluxos de informação são democratizados com a popularização do acesso à técnica.

Nesse sentido, destaca-se a velocidade de difusão de informações, mediada pelo uso de tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs) que garantem a cada indivíduo de posse de um aparelho de comunicação de tecnologia contemporânea, por exemplo, agir participativamente na construção de um debate sobre a conjuntura do lugar em que está. A apropriação do capital é democratizada e os interesses econômicos passam a disputar o lugar com os interesses sociais locais e globais.

Consoante a esse pensamento, pensamos até que ponto se insere o modelo atual de jornalismo no contexto do fluxo desenfreado de informações? As características de uma nova mídia que surge através da imersão da população em compor a notícia impõe ao jornalismo questões importantes sobre qual seria seu verdadeiro papel na sociedade. A descentralização do fluxo e o estabelecimento das redes de informação conduzem o jornalismo sob uma nova perspectiva: a lógica do individual.

As noções de difusor e receptor se confundem, o indivíduo não mais espera passivamente pelas notícias veiculadas em jornais e TV; na verdade, passa ele mesmo a

disseminar informações em tempo real, muitas vezes passando à frente dos meios de comunicação tradicionais e se valendo das tecnologias digitais e *gadgets* mais modernos. Vivemos, pois, a era da convergência (JENKINS, 2009), onde a mídia tradicional e a mídia alternativa, inovadora, se confundem ou, mais ainda, se combinam, cooperam, criando uma nova cultura informacional. A convergência tecnológica enaltece novos ritmos à estrutura jornalística, misto de padecimento das velhas estruturas e imersão na novidade metodológica.

A narrativa jornalística na contemporaneidade tende a convergência das tecnologias com ênfase no conteúdo (CORRÊA in PALACIOS, 2008). O consumo de informação é coerente à posse dessas tecnologias de difusão e acesso do conteúdo. Paralelo a isso a apropriação dos fluxos e processos de produção modificam as relações sociais e constituem: “a condição para transformar a atual ordem social. Produzir e ocupar os espaços, todos os espaços, através das redes” (ASSIS e PRETTO in AMADEU, 2008, p.78).

Nesse sentido, advogamos que, talvez mais importante do que indicar modelos, o mais relevante para perceber com agudeza a intersecção dos fenômenos de convergência com as práticas midiáticas consolidadas, como por exemplo o jornalismo, é voltarmos-nos para uma percepção das características em jogo, no sentido de compreender os fluxos de notícias (SILVA in DÍAZ e PALÁCIOS, 2008, p. 54).

Dessa forma, entende-se que os fluxos de notícias são redirecionados a partir da introdução da convergência midiática no contexto jornalístico. A participação da esfera pública de debate nos procedimentos de composição, distribuição e consumo das notícias fragiliza as estruturas unilaterais dos meios de comunicação de massa e exigem resignificações no fazer jornalístico. As manifestações pró-Moussavi após as eleições do Irã são um exemplo de reestruturação da produção e distribuição da notícia sob novos moldes seguindo um paradigma que retoma o capital e faz padecer o monopólio sobre a informação.

A apropriação da informação por parte dos indivíduos não torna mais confiável, porém, o conteúdo jornalístico disseminado a todo momento, da mesma forma que a convergência tecnológica e midiática facilitam a composição, distribuição e consumo de notícias, também pode facilitar a disseminação de notícias falsas ou equivocadas. Indivíduos mal intencionados disseminando informações falsas são um constante no ambiente virtual. Cabe citar ainda a aproximação e adaptação dos meios de comunicação tradicionais às ferramentas de mídia social - como o Twitter<sup>4</sup> -, demonstrando que, mesmo se tratando de

---

<sup>4</sup> <http://www.twitter.com/>

uma ferramenta que nos traz uma perspectiva de jornalismo individual, é possível a apropriação desta por meios tradicionais.

Vivemos, enfim, imersos em uma cultura de convergência onde buscamos formar uma imagem de nosso cotidiano através de imagens e informações midiáticas dispersas (JENKINS, 2009); como um mosaico, coletamos informações de múltiplas fontes, por vezes criando nós mesmos pedaços deste mosaico, pondo fim à antiga noção de passividade do indivíduo frente às informações que lhe são passadas.

Atualmente vemos o crescimento de um movimento que rejeita a apropriação da informação por grandes monopólios e que começa a apropriar-se das informações - no que Levy chamou de Inteligência Coletiva (LÉVY, 1998) - e, em um movimento inédito, passa a ser seguido pelas grandes empresas de mídia que correm atrás do prejuízo e passam elas a usar informações vindas de sites de mídia social como fontes consideradas seguras e confiáveis em suas matérias e notícias.

Fenômeno marcante desta nova era de convergência digital é a possibilidade de fontes primárias terem, elas mesmas, a possibilidade de disseminar conteúdo em primeira mão e se apropriar das informações sem a necessidade de qualquer tipo de intermediário como grandes empresas de jornalismo, agências de notícias ou até mesmo seus correspondentes, bastando para isto apenas uma conexão à internet e um computador, ou ainda um celular com conexão 3G<sup>5</sup>, GPRS<sup>6</sup>, etc.

Através do Twitter, de blogs e outras mídias sociais, a inteligência coletiva e a colaboração têm a possibilidade de apresentar um quadro concreto dos acontecimentos em determinadas regiões ou discutir assuntos que muitas vezes são ignorados ou parcialmente citados pela mídia tradicional. Uma característica desta "nova era" é a inexistência de irrelevância de conteúdo, tudo pode se tornar notícia, tudo pode render matérias (colaborativas ou não) e receber a publicidade necessária em seus respectivos nichos. Enquanto a mídia tradicional se limita a passar aos consumidores apenas aquilo que interessa a si e a seus investidores, a internet propicia a disseminação de todo e qualquer tipo de informação.

A expansão desenfreada dos fluxos de notícias com o advento do compartilhamento proporcionado pelas TICs propõem a catarse no consumo de informações. No caso específico

---

<sup>5</sup> International Mobile Telecommunications-2000 (IMT-2000) ou 3rd Generation (Terceira Geração), é uma família de protocolos de comunicação e internet.

<sup>6</sup> Sigla para *General Packet Radio Service*, consiste em um protocolo de dados para aparelhos móveis sob uma estrutura 2G (Segunda Geração).

da utilização de tais tecnologias vinculadas ao jornalismo cidadão – que tange a globalização da perspectiva local de um indivíduo – a veracidade e ausência de manipulação, no que tange os interesses econômicos, dos fatos pode ser muito maior do que no jornalismo tradicional/corporativo.

[...] esse contexto de dilatação dos fluxos da notícia dispõe novos elementos para a sua valoração, entre eles a própria ontologia dos fluxos: a capacidade de circulação, de penetração, de alcance e estabelecimento de reciprocidades e contra-fluxos entre os dispositivos tecnológicos e agentes sociais envolvidos (SILVA in DÍAZ E PALÁCIOS, 2008, p. 56).

Pode-se dizer então que as TICs constituem o palco para os entraves ideológicos na contemporaneidade influenciados por territorialidades locais e globais, quando se fala do jornalismo cidadão e a transmissão da notícia pontual, e da reapropriação dos espaços globalizados e manipulação midiática. Apesar da apropriação do capital obter o monopólio informacional no cenário da mídia de massa, no âmbito do ciberespaço há a retomada de posse pelos usuários. Silveira (in PRETTO, 2008, p.34) destaca: “no cenário digital, da forma como a internet foi estruturada, o capital controla a infra-estrutura de conexão, mas não controla os fluxos de informação, nem consegue determinar as audiências”.

## **2. Os computadores coletivos móveis e o Twitter**

Através dos CCm ou Computadores Coletivos Móveis (LEMOS in LEÃO, 2004) o sujeito passa não só a ser um agente ativo no compartilhamento de informações como também pode sê-lo a qualquer momento, em qualquer lugar, necessitando apenas de uma conexão ativa e de qualquer aparelho capaz de enviar informações (comumente o celular e o laptop); estamos, portanto, diante de um fenômeno de pulverização das distâncias, das barreiras e fronteiras para e pela circulação de informações e dados. Vemos, enfim, uma subversão dos valores tradicionais e do cenário padrão do controle da informação por parte dos *mass media* e do capital.

Os Computadores Coletivos Móveis não apenas permitem a apropriação da informação pelo usuário, mas também tem por marca a versatilidade. Através dos CCm é possível ao mesmo tempo se produzir o conteúdo jornalístico e, também, acompanhar os demais fatos que acontecem pelo mundo. O que vemos é, sem sombra de dúvida, uma era em

que o indivíduo pode permanecer conectado e disponível nas 24h do dia e em qualquer lugar da terra.

O Twitter surge em meio a esta revolução informacional, adaptado à nova era de comunicação móvel e ágil, tendo por base e também como modelo de ação a troca de informação, links e notícias restritas a 140 caracteres, com extrema rapidez e facilidade - inaugurando, portanto, a era do *microblogging* - e permitindo a leitura, envio e recebimento dos *tweets* em qualquer tipo de computador, celular, *palm*, enfim, qualquer meio eletrônico com acesso às redes telemáticas, em especial os Computadores Móveis.

Ao criar uma rede colaborativa descentralizada, flexível e interconectada baseada no que Dimantas chama de Linkania, ou um novo modelo de relações sociais e de relação entre pessoas e tecnologia, uma nova cultura baseada na convergência, na solidariedade e na generosidade colaborativa o Twitter rompe com o elitismo da informação (DIMANTAS in LEÃO, 2004).

Quanto aos objetivos ou modelo de ação do Twitter, temos de ter em mente a apropriação dos sites pelas redes, estamos falando de uma rede menos privada, maior e menos focada em laços fortes (RECUERO, 2009), cujo objetivo é a [ampliação da] audiência, a publicidade e a ampla difusão de informações (a ferramenta do *re-tweet* é o melhor exemplo disto).

O Twitter iniciou suas atividades como um site onde qualquer indivíduo poderia se expressar, descrever as ações simples do dia-a-dia e, com o tempo, a rede foi apropriada por novos usuários mais interessados em difundir informações úteis, repassar notícias interessantes e, como objetivo último, utilizar a rede como um meio de criação e propagação de informações jornalísticas.

Diferentemente do Facebook<sup>7</sup> e do Orkut<sup>8</sup>, o Twitter tem como objetivo (ou resultado) primário a difusão de informações de forma ampla e irrestrita e foi e ainda é amplamente utilizado na difusão de curtos informes sobre a situação de movimentos sociais, conflitos e assuntos de interesse geral que, de outra forma, não reteriam tanta atenção ou teriam alcance tão largo e amplo.

Nessa rede social, as informações vão até o usuário; o foco da comunidade é exatamente que toda informação chegue até os membros da rede mais ampla, não só seu círculo de amigos, mas todos os demais ligados à eles, já no Facebook o objetivo é a

---

<sup>7</sup> [www.facebook.com](http://www.facebook.com)

<sup>8</sup> [www.orkut.com](http://www.orkut.com)

propagação de informações em um círculo ou rede fechada, restrita, privativa enquanto, no Orkut, a difusão de informações não se dá de forma automática, cabe ao interessado ir atrás dela em grupos específicos e não esperar que chegue até si de forma passiva.

A propagação de mensagens via Twitter obedece às regras das cascatas de informações (Bikhchandani, Hirshleifer & Welch, 1998) onde a informação é meramente repassada, copiada, sem crítica, - mas ainda assim é disseminada e espalhada através da rede - e também obedecendo à apropriação de capital social, onde a informação recebe acúmulo de percepções, de valores, no que realmente podemos chamar de uma inteligência coletiva voltada à produção e disseminação de informações;

Devido a maleabilidade de funções dos Computadores Coletivos, as notícias e o modo como o jornalismo é representado através da Internet modifica-se drasticamente. Valorizam-se as notícias curtas e os informes efêmeros, dando ênfase na objetividade dos assuntos.

### **3. As manifestações pró-Moussavi através do Twitter.**

Em meados de junho, o blog jornalístico coletivo Huffington Post iniciou sua cobertura em tempo real (*liveblogging*) dos protestos pós-eleitorais do Irã, após acusações de fraude contra o candidato derrotado, o reformista Mir Hossein Mousavi e desde então uma forte censura foi baixada no país, contando com a expulsão de jornalistas credenciados para cobrir o processo eleitoral e, para os que puderam ficar, um cerco feroz contra suas atividades, proibição de sair às ruas e de divulgar o que acontecia no país: Protestos violentos entre manifestantes e a polícia e a famigerada Milícia religiosa Basij.

Após um turbulento processo eleitoral em que os dois candidatos favoritos, Mir Hossein Mousavi (reformista) e Mahmoud Ahmadinejad (conservador) faziam uma campanha acirrada e de resultado incerto, a vitória esmagadora do segundo, com mais de 60% dos votos<sup>9</sup> - uma diferença de 11 milhões de votos - surpreendeu o Irã e o mundo e desde então centenas de protestos contra o resultado - chamados de fraude pelos reformistas e por boa parte da opinião pública mundial - foram convocados via Twitter.

Os resultados eleitorais foram divulgados oficialmente em 13 de junho e já no dia 15 do mesmo mês as ruas de Teerã eram tomadas por milhões de indivíduos insatisfeitos com o resultado a maioria destes mobilizados via Twitter<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> [http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle\\_east/8098305.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/8098305.stm)

<sup>10</sup> [http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/middle\\_east/article6524127.ece](http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/middle_east/article6524127.ece)

Em meio ao caos, no dia 14 de junho, começou a cobertura do Huffington Post<sup>11</sup> e, excetuando os raros comunicados da imprensa tradicional que conseguiam escapar do cerco imposto pelo governo iraniano, toda informação escrita vinha através do Twitter e, no caso de vídeos, através do Youtube<sup>12</sup>. A única ferramenta não bloqueada pelo governo iraniano – que restringiu o acesso ao Facebook, por exemplo – foi o Twitter que, além de tudo, possui o diferencial de ser leve e acessível a partir tanto do computador pessoal, quanto através do celular. No início de julho o governo iraniano ainda reduziu drasticamente a banda de conexão aos usuários iranianos mas, como visto, o Twitter não exige conexão rápida e o envio de informações continuou constante.

The Iranian government has taken substantial steps to limit their citizens' ability to use the internet. They have blocked most access to Facebook and other sites, have limited text messaging, and have cut the nation's "bandwidth," meaning the speed with which one can send information through the internet, but have stopped short of simply cutting of the nation's internet connectivity (probably because they need it themselves.) However, with "tweets" of only 140 characters or less, bandwidth is a non-issue (as opposed to, for example, transmitting videos)...<sup>13</sup>

Ao mesmo tempo em que disseminava informações, o Twitter serviu como agregador e multiplicador, convocando a população aos protestos e causando um efeito cascata que não pôde ser contido pelo governo e nem pela milícia Basij, convocada de todo o país para reprimir as manifestações. Usuários como @tehranbureau, @IranKiwi, @Iran88, @nedaiswhy, @azady\_ “tuitaram” todos os passos do movimento contestador em tempo real, convocando<sup>14</sup> milhares aos protestos e repassando as informações para o mundo.

Graças à pressão e as informações disseminadas via a ferramenta de microblogging, o governo de fato foi obrigado a reconhecer ao menos parte das fraudes, um total de 3 milhões de votos ilegais em 50 cidades<sup>15</sup>. Insuficiente para modificar o resultado mas, ainda assim, significativo para demonstrar que a revolta do Twitter não era desprovida de sentido e razão.

Grandes redes, como a Al Jazeera foram forçadas<sup>16</sup> não só a adotar e transmitir o conteúdo saído do Twitter como também foram forçados a reconhecer seu valor e sua importância como única (ou uma das únicas) ferramentas capazes de furar o bloqueio

<sup>11</sup> <http://www.huffingtonpost.com/tag/iran-liveblogging>

<sup>12</sup> <http://www.youtube.com>

<sup>13</sup> <http://michellemalkin.com/2009/06/18/iran-Twitter-and-freedom/>

<sup>14</sup> <http://www.thenation.com/blogs/notion/443634>

<sup>15</sup> <http://www.nowpublic.com/world/iran-admits-election-errors-50-cities-impacting-3-million-votes>

<sup>16</sup> <http://english.aljazeera.net/focus/2009/06/2009620111022959219.html>

mediático iraniano<sup>17</sup>. A censura imposta aos meios de comunicação e o estreitamento da banda-larga dos usuários de internet levaram aos administradores do Twitter, por exemplo, a suspender<sup>18</sup> uma manutenção programada para evitar cortar uma das únicas linhas de contato do Irã com o mundo.

É interessante lembrar que apenas um mês antes milhares de jovens se reuniram e atearam fogo à casa presidencial e invadiram o parlamento de Moldova numa tentativa de revolução malograda, em movimentos organizados via Twitter<sup>19</sup>, contra mais uma vitória do Partido Comunista de Molvoda nas eleições locais. Desde o fim de junho, é através do Twitter e blogs que uma quantidade significativa de informações e o desenrolar do golpe em Honduras vem sendo noticiado.

O fenômeno multitudinário gerado pelos *tweets* – os informes de 140 caracteres - é de difícil mensuração, mas pode-se afirmar com certeza que, não fosse pela ferramenta, os protestos e a divulgação de prisões, mortes e torturas jamais teria alcançado a proporção a que chegou. Dificilmente a contestação dos resultados teria virado uma campanha global, desterritorializada em que todos os presentes no Twitter acabaram por disseminar igualmente as informações, sem se importar se estavam fisicamente presentes ou não no Irã<sup>20</sup>.

Em alguns casos estávamos diante de meras cascatas, repassadas adiante como uma horda passaria algo sem grandes críticas, mas muito do que foi divulgado das fontes primárias iranianas agregava grande capital social e era avidamente consumido não só pelos demais participantes das redes mas também por boa parte da mídia tradicional, obrigada a se render às novas tecnologias, especialmente quando os correspondentes das grandes redes estavam impedidos de se locomover livremente pelo Irã conforme noticiado pelas grandes agências de notícia globais durante os eventos.

Milhares ou milhões de pessoas em todo o mundo se uniram à causa e passaram também a divulgar os acontecimentos no Irã, em um ambiente multirepresentativo e de múltiplas identidades, um *locus* desterritorializado onde cada um tem a possibilidade de adotar não só o posicionamento que melhor lhe convém, mas, também agregar o capital necessário para que a notícia não só se espalhe, mas repercuta e seja ouvida em e por todas as classes e esferas.

---

<sup>17</sup> <http://tunedin.blogs.time.com/2009/06/15/iranians-protest-election-tweeps-protest-cnn/>

<sup>18</sup> <http://blog.Twitter.com/2009/06/down-time-rescheduled.html>

<sup>19</sup> <http://www.csmonitor.com/2009/0619/p06s08-wome.html>

<sup>20</sup> <http://www.cnn.com/2009/WORLD/meast/06/16/iran.journalists.banned/index.html>

Sem o espalhamento propiciado pelo Twitter e pela mobilização mundial, os protestos dificilmente teriam tido a relevância que alcançaram em todo o mundo e os protestos em si dificilmente teriam ocorrido, ao menos com a magnitude vista. Pela velocidade e facilidade de utilização, divulgação e espalhamento, o Twitter foi a arma encontrada pelos manifestantes para se organizarem e coordenarem e o resultado forma milhões de pessoas simultaneamente nas ruas e uma grande dificuldade, senão impossibilidade, das forças de segurança e milícias controlarem a situação.

Com isso, parece que o Twitter torna-se uma ferramenta de informação bastante qualificada. Os atores sociais parecem ter noção da relevância e dos valores primários e secundários daquilo que é repassado à rede e o repassam essas informações na expectativa de obter determinados valores. Além disso, a noção de que suas redes sociais são diferentes também ajuda a perceber melhor essas motivações. Ora, se as redes são diferentes, os atores podem optar por difundir de forma diferente as diferentes informações. Isso vai ao encontro daquilo que o Jenkins defende como "capacidade de espalhamento" de uma determinada mensagem, como falei no último post<sup>21</sup>.

Em uma realidade de censura e repressão, o Twitter surgiu como única ou principal ferramenta de mobilização das massas, assim o foi no Irã, em grande parte em Honduras<sup>22</sup> - onde tanto os manifestantes pró-Zelaya quanto os golpistas e os periódicos que os apoiavam se valeram do Twitter para propagar suas idéias -, no Xinjiang<sup>23</sup> - ainda que o governo chinês tenha tentado bloquear a ferramenta - e, ainda, em Moldova<sup>24</sup> ou nos atentados terroristas em Mumbai<sup>25</sup>.

O Twitter demonstra, enfim, um imenso potencial revolucionário, um potencial de mobilização das massas, de organização maciço de protestos, reuniões e uma ferramenta ímpar no ciberativismo que transpõe o ambiente virtual para se apropriar da realidade física, em protestos multitudinários e de extrema relevância.

O Twitter ainda se apresenta como uma ferramenta necessária ao jornalismo por sua capacidade de cobertura em tempo real, dinâmica e aparentemente sem fronteiras ou limitações que não as técnicas auto-impostas pelo serviço (140 caracteres no máximo por postagem).

---

<sup>21</sup>[http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/espalhamento\\_de\\_informacoes\\_na\\_rede\\_ii\\_uma\\_e\\_varias\\_redes.html](http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/espalhamento_de_informacoes_na_rede_ii_uma_e_varias_redes.html)

<sup>22</sup><http://alt1040.com/2009/06/con-honduras-Twitter-nuevamente-se-convierte-en-via-de-comunicaciones-de-una-crisis>

<sup>23</sup> <http://opennet.net/blog/2009/07/china-shuts-down-internet-xinjiang-region-after-riots>

<sup>24</sup> [http://neteffect.foreignpolicy.com/posts/2009/04/07/moldovas\\_Twitter\\_revolution](http://neteffect.foreignpolicy.com/posts/2009/04/07/moldovas_Twitter_revolution)

<sup>25</sup> [http://www.bbc.co.uk/blogs/theeditors/2008/12/theres\\_been\\_discussion\\_see\\_eg.html](http://www.bbc.co.uk/blogs/theeditors/2008/12/theres_been_discussion_see_eg.html)

Mais de um mês após o início dos protestos e da organização, divulgação e denúncia destes via Twitter, a ferramenta permanece como maior e mais relevante fonte de informação, usada largamente por grandes veículos de mídia e ainda insuperável na transposição dos bloqueios impostos pelo governo de fato iraniano. Novos protestos são cotidianamente organizados e convocados através da ferramenta que não dá mostras de ser superada por qualquer outra ferramenta de mídia social até o presente momento.

O Twitter propicia uma experiência única e inovadora de ciber militância. Indivíduos que jamais foram ou pensaram em se tornar ciberativistas foram alcançados pela mobilização maciça no Twitter sobre o processo eleitoral iraniano e subsequentes protestos. A facilidade com que se dá o espalhamento de informações através da ferramenta e a também marcada comodidade e simplicidade na formação de cascatas de informação acabava por não exigir muito dos usuários que poderiam simplesmente formar uma corrente mundial sem grandes arroubos de indignação ou crítica.

Observa-se que o Twitter se apresenta como uma ferramenta potencial ao jornalismo digital, devido à sua capacidade de agregar pontos-de-vista do cotidiano das pessoas. Na medida em que o monopólio jornalístico dos grandes meios de comunicação de massa se desestrutura, aproximar-se do produtor de conteúdo é necessário para a sobrevivência das empresas de mídia e para colaboração de um novo modelo de se fazer jornalismo.

Percebe-se que a capacidade de geração de notícias por parte dos usuários do Twitter encontra um obstáculo na seleção das notícias em si. A simples reprodução e divulgação desenfreada dos dados publicados por iranianos na *Internet* durante os protestos pode gerar um ruído no processo de produção jornalísticas. Por mais que o jornalismo cidadão, no sentido de veicular problemas locais em escala global, seja interessante, o fluxo de informações precisa ser filtrado.

Nesse sentido, trabalhos sobre a real potencialidade e usabilidade do Twitter para modificar o jornalismo atual são encorajados. Debates sobre o tema precisam ser levados em conta, de sorte que a re-significação dos padrões de consumo e produção de notícia são mais constantes e agregam cada vez mais conteúdo na contemporaneidade.

## **Considerações**

Aos poucos os benefícios trazidos pela tecnologia por conta da contemporaneidade e re-significação das ferramentas e conceitos das práticas sociais humanas evoluem.

O modelo jornalístico atual confronta novas formas e ferramentas com potencial para aproximar as empresas de comunicação ao seu público. O consumo e produção de notícia, através do jornalismo cidadão, é intensificado e se torna uma forma de resgate da audiência para as corporações midiáticas quando do afastamento ou censura desses grandes veículos por parte de governos ditatoriais, como no caso do Irã, nas manifestações pós-eleições, em junho de 2009.

Como foi visto, o Twitter surge como uma ferramenta adaptada à nova era informacional e que se vale ao extremo de dispositivos como celulares, palm e netbooks, enfim, dos CCM, para, então, permitir e facilitar a apropriação da informação pelos indivíduos.

As manifestações pró-Moussavi após o processo eleitoral considerado fraudulento por alguns cidadãos iranianos encontraram no Twitter uma estrutura de comunicação que transcende as barreiras de restrição e censura. O fluxo de informações e notícias contribuíram para a composição do panorama da situação através dos olhos dos habitantes locais. O formato microblog não inaugura, no entanto reafirma e leva até um novo patamar a apropriação da informação, das ferramentas jornalísticas, pelos indivíduos, torna ainda mais real e interativa a experiência de produzir, reproduzir e consumir notícias e informações.

Ao mesmo tempo em que funciona como complemento ao jornalismo tradicional, o Twitter passa à frente e assume características próprias, sendo uma ponte entre indivíduos e mídia tão tradicionais quanto os jornais impressos e mídias alternativas como os blogs e, ainda, sendo dotada de personalidade própria, uma tecnologia de produção e distribuição de conteúdo autônoma e auto-suficiente.

### Referências bibliográficas

Bikhchandani, S., Hirshleifer, D., and Welch, I. Learning from the Behavior of Others: Conformity, Fads, and Informational Cascades. **Journal of Economic Perspectives**. Volume 12, Issue 3, pp. 151-170, 1998.

DIMANDAS, Hernani. Linkania - A multidão hiperconectada in Leão, Lucia (org). **Derivas: Cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume; Senac, 2004

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LEMOS, André. Cibercultura e Mobilidade: a era da conexão in Leão, Lucia (org). **Derivas: Cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume; Senac, 2004

LÉVY, Pierre: **A inteligência coletiva**. São Paulo: ed. Loyola, 1998.

MADUREIRA, Gisela. **Ciberconhecimento**: um estudo sobre as novas tecnologias da comunicação, a cognição e a globalização do saber. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2004.

PRETTO, Nelson de Luca; ASSIS, Alessandra. Cultura digital e educação: redes já!. In: Nelson De Luca Pretto; Sérgio Amadeu da Silveira. (Org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador/Bahia: Edufba, 2008, v. , p. 75-84

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

SAAD CORRÊA, Elizabeth. . Convergência de mídias: metodologias de pesquisa e delineamento do campo brasileiro. In: Marcos Palácios; Javier Dias Noci. (Org.). **Metodologias para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008, v. 1, p. 11-358.

SILVA JUNIOR, José Afonso. Uma abordagem metodológica sobre a convergência digital e o fluxo de conteúdos no jornalismo contemporâneo. In: Marcos Palacios e Javier Diaz Noci. (Org.). **Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte e perspectivas**. Salvador / BA: EDUFBA, 2008, v. , p. 51-70.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. In: Nelson de Luca Pretto; Sergio Amadeu da Silveira. (Org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008, v. 1, p. 31-50.